

Retrato de Angola a partir da visão de uma brasileira ¹

Tânia Jandira Rodrigues Ferreira

Psicóloga/Setor de apoio á atividades sociais e comunitárias
Coordenadora pelo CERIS do Programa de Intercâmbio Brasil-Angola:
Promoção dos Direitos da Infância

O TRABALHO NA SOCIEDADE ANGOLANA

Angola é um país marcado pela desigualdade e exclusão social. Essa exclusão sócio-econômica compromete a universalidade dos direitos e a construção da democracia. Há uma grande abismo entre as classes sociais existentes. A mudança do sistema econômico não foi acompanhada de um processo de redemocratização. A guerra civil existente era uma justificativa do Governo Angolano para não haver uma política de desenvolvimento democrático com participação popular. Não há ainda eleições livres. As organizações existentes estavam atreladas ao Partido no poder . O processo de organização da sociedade civil em ONG's e OCB's é muito recente. Não há movimentos sociais.

O processo de industrialização angolano se encontra muito defasado, em relação a vários países em desenvolvimento. Após a guerra de Independência com os portugueses, o que havia de indústria foi sucateado. Poucos quadros angolanos sabiam usar o maquinário existente. Não houve preocupação em renovar quadros, maquinário ou tecnologia. Atualmente há inúmeras empresas estrangeiras em Angola, que por conta do processo angolano, não conseguem empregar dignamente os angolanos². O desemprego e a falta de condições de trabalho são um desafio para esta sociedade.

Há um enorme mercado informal. Adultos, jovens e crianças trabalham vendendo produtos naturais ou industrializados pelas ruas. Há também inúmeras empresas informais familiares no ramo de serviços e comércio.

As crianças angolanas são crianças trabalhadoras. Pode se ver meninos e rapazes trabalhando engraxando sapato, em pequenas oficinas familiares e na venda produtos industrializados. As meninas e moças vendem água, frutas e outros produtos. O trabalho é um valor para as crianças e jovens angolanos. Almejam melhorar sua condição sócio-econômica através de melhor qualificação para o trabalho. Com apoio de ONG's, como o Kandengues Unidos e a Rede Criança, estas crianças e adolescentes estão discutindo seu direito de organização, reivindicam locais próprios para suas vendas e também seu direito à educação.

80% da população angolana vive no campo. Não há atualmente e não houve ao longo de seu processo, um programa de desenvolvimento agrícola. Os camponeses praticavam a cultura de subsistência. Houve uma tentativa fracassada de planejamento da produção realizado na época do Partido Único. As terras eram propriedade do estado. Com a guerra civil um enorme número de pessoas deslocou-se para as cidades, vindas dos campos, onde viviam e se sustentavam - São os "deslocados"³. Estes estão sendo "repatriados" para suas terras. Sua chegada não tem sido fácil. Não há instrumentos básicos (enxadas, foices) para trabalharem na terra ou sementes para produzirem.

Acresce a isso, a nova realidade rural. Com a abertura da economia, foi criada uma nova classe empresarial no campo. Os novos latifundiários angolanos são membros do Governo. Muitas pessoas quando chegam as suas terras, não as encontram, pois foram expropriadas pelos novos fazendeiros. Para os pequenos produtores rurais ficaram as piores terras.

Há ainda denúncias de trabalho escravo e abuso sexual de menores nas fazendas.

A sociedade civil angolana tem tentado alterar esse quadro, se organizando na "Rede Terra", discutindo um ante-projeto de lei sobre a terra, trabalhando questões de desenvolvimento rural, através do incremento da organização dos camponeses para produção e comercialização coletiva.

A CULTURA DA OBEDIÊNCIA

Durante nossa estadia em Angola um fato nos chamava atenção. A maioria das pessoas o tempo todo fala "sim" e "yá" (corruptela do sim), para qualquer coisa que se diga. Poucas pessoas tem o hábito de refutar ou debater alguma afirmação, para melhor compreensão sobre algum fato da realidade.

Em nosso contato com Silas, diretor nacional da ADRA, ficou-nos marcado sua fala sobre a "cultura angolana da obediência". Não sabíamos, até aquele momento a que ele se referia.

Com o transcurso dos dias, fomos percebendo que a submissão aos valores e cultura externas é algo muito forte na sociedade angolana. Angola sofreu além do processo de colonização portuguesa, um processo de aculturação por parte dos missionários católicos e atualmente dos evangélicos, além de uma forte repressão, ainda existente, por parte do partido no poder, que dificulta a valorização da cultura local, um auto conceito positivo e a organização da sociedade civil.

O processo educacional existente é também um dos fatores que aumenta essa cultura da obediência. Há nas escolas e até em algumas ONG's, uma ênfase na disciplina e na obediência. As crianças só podem falar com autorização do professor. Em algumas há ainda castigos físicos como processo disciplinador.

A metodologia utilizada no ensino público privilegia a memorização e não o processo de reflexão sobre a realidade. As aulas na maior parte das vezes são dadas em português, negando as línguas nacionais existentes Umbundo, Kimbundo, Kikongo, N'ganguela, Tchokwe e outras.

As universidades pouco produzem de diagnóstico, análises e estudos que possam ajudar ao desenvolvimento do país. Não há também a obrigatoriedade de estágio, o que prejudica a ação das pessoas formadas. Muitas não conseguem traduzir para a prática as teorias aprendidas, ou refletir sua prática à luz das teorias existentes.

Há também um déficit educacional de muitos anos. 75% dos adultos são analfabetos. Há falta de salas de aula e turmas com até 200 alunos. A população infante juvenil hoje representa 65% da população. Esses elementos dificultam a escolarização e rendimento escolar das crianças e adolescentes e o pior dificultam a formação de cidadãos críticos que possam transformar sua realidade.

Na área da promoção dos direitos à educação há uma sociedade civil séria e comprometida com a questão da educação, tentando transformá-la, como a ADRA/Onjila e Kandengue Unidos que estão trabalhando com metodologias brasileiras. A primeira capacitando professores da Rede pública e a segunda com escolas alternativas nos bairros. Além dessas ONG's angolanas outras também estão preocupadas e atuando na área de educação. Há várias iniciativas que se utilizam do currículo oficial do ensino e tem estruturas próprias para dar conta da falta de salas de aula.

UMA SOCIEDADE AUTORITÁRIA

A cultura da obediência é reforçada pelo autoritarismo existente. Há ainda uma forte cultura militar. Militares são vistos andando fardados como um símbolo de seu poder. Há além disso, em toda parte, "pequenos poderes" exercidos por funcionários públicos que são acionados, tentando controlar a vida dos cidadãos angolanos, ou amedrontamento dos cidadãos sobre qualquer fato que julgam "violar" regras.

Acresce a isso a cultura do suborno, em Angola chamado "gasosa"⁴. A gasosa é prática corriqueira para ingresso nas escolas públicas, para que os alunos façam prova, para qualquer criança ser registrada, para o intimidamento de estrangeiros, etc.

As leis existentes não são cumpridas. Crianças são presas sem julgamento, ficam confinadas com adultos, permanecem presas mesmo depois de cumprida suas penas, dentre outras violações de direitos.

Das organizações visitadas, poucas⁵ são as que tentam enfrentar essa situação. E mesmo as que o fazem precisam de muita habilidade, já que devido a baixa organização da sociedade civil, há pouca sustentação política para o trabalho dessas ONG's.

A TENTATIVA DO ANIQUILAMENTO DA CULTURA E A RESISTÊNCIA CULTURAL

A sociedade angolana foi levada a desmerecer sua própria cultura. Apesar de inúmeras etnias conviverem nas cidades, com seus usos, costumes e língua de origem, há uma "negação" desse fato, que se traduz nos jovens

que só querem usar roupas "ocidentais", não ter interesse em falar suas línguas de origem ou esconderem que a conhecem e a usam em família.

Dentre as organizações visitadas, apenas o INACAD citou a diferença étnica em seu trabalho e trouxe para este a cultura tradicional angolana do artesanato para qualificação profissional de crianças e adolescentes.

Em nossa percepção as mulheres angolanas tem um papel destacado na resistência ao domínio cultural percebido. Os homens nas cidades vendem no mercado informal produtos industrializados e as mulheres produtos orgânicos. Elas carregam de 30 a 60 quilos de produtos na cabeça, para venda nas cidades. Nas cidades, podemos vê-las assim, carregando esses produtos distribuídos de forma harmoniosa em enormes bacias.

No vestuário a diferença entre os gêneros também é evidente. Apesar de homens e mulheres usarem roupas "ocidentais", as mulheres se utilizam de panos amarrados sobre estas roupas, de acordo com a cultura tradicional; assim como, também se utilizam destes panos para carregar suas crianças às costas.

São também as mulheres e meninas que ainda preservam as danças tradicionais, carregadas de "ginga e malícia". Os meninos e rapazes preferem outros ritmos já universalizados, como a "street dance".

A questão cultural para nós, do CERIS e de inúmeras ONG's e OG's brasileiras é um fator da riqueza, da diversidade e pluralidade da sociedade brasileira que estamos construindo. Estamos aprendendo a conviver e respeitar nossas diferenças culturais e étnicas. Penso que observar essa diversidade presente na sociedade angolana e poder aprender sobre ela e integrá-la a proposta, será um dos desafios desse Programa de Intercâmbio.

QUESTÕES SOCIAIS EMERGENTES

Além das questões já citadas, outras merecem destaque.

A área de saúde apresenta também grandes desafios. Há carência de hospitais e postos de saúde públicos e profissionais, seja em número, seja em capacitação. A questão do saneamento básico - água, esgoto e lixo tratados - também se apresenta como um problema relevante. Ainda há prevalência de doenças como o sarampo, poliomielite, meningite. As campanhas de vacinação ainda não atingem uma boa parcela da população.

Na área da promoção dos direitos à saúde há uma sociedade civil comprometida com essa questão. Só para citar alguns, em Lubango há a ARSCAA e a ASD. A primeira é uma associação de portadores de deficiência visual que identifica e encaminha crianças, adolescentes e adultos portadores de deficiência visual para escolarização e tratamento de saúde, além de lutar por sua inclusão social na sociedade. A segunda tem atuado com sensibilização e educação para saúde dirigido a professores, pais, profissionais de saúde e outros, através de "corpo a corpo", palestras e programa radiofônico. Realiza também trabalho de identificação de crianças e adolescentes portadores de doença e encaminhamento para os órgãos públicos, auxilia na divulgação das campanhas de vacinação, dentre tantas atividades de promoção de saúde.

As crianças em situação de rua também se apresentam como um grande desafio. Há exploração sexual de meninas e adolescentes, pouca atenção à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e tráfico de mulheres para África do Sul e Namíbia. Essas meninas normalmente moram com suas famílias e são levadas ao comércio sexual por terem sido abusadas sexualmente e/ou como obtenção de renda familiar.

Em Luanda há dois bons parceiros de SKN trabalhando sobre essa questão. O Kandengues Unidos que lhes oferece qualificação profissional, encaminha para formação em prevenção e encaminha denúncias de abuso sexual ao Juizado de menores. A FISH faz abordagem de rua, trabalho de educação para prevenção, encaminha para tratamento de saúde e oferece cursos de qualificação profissional e encaminhamento ao emprego e alfabetização.

"HAY QUE ENDURECER SEM PERDER A TERNURA JAMAIS"

Estas questões citadas acima, são acrescidas em Luanda, capital de Angola, por uma paisagem árida. Os prédios encontram-se em péssimo estado de conservação, o trânsito é caótico, as ruas são estreitas e mal conservadas, há montanhas de lixo pelas ruas e sucatas de todo tipo. Há falta de água constantemente e uma baixa incidência de vegetação de qualquer tipo. Como também há poucas indústrias, móveis e utensílios são caros e difíceis de serem obtidos. Carros em péssimo estado de conservação transitam pelas ruas. Os bairros populares avançam sobre a cidade, tornando-a uma grande "favela", constantemente empoeirada. As casas são construídas de blocos de cimento, tendo chapas de zinco como teto. As dificuldades de comunicação via telefone e Internet são constantes.

Há também muitos estrangeiros vivendo na capital. Isto possivelmente tem influenciado o português falado em Angola, já que muitos destes falam mal essa língua. Como estes estrangeiros também são responsáveis pela maior parte das capacitações das organizações angolanas é comum se ouvir algumas palavras "mal traduzidas" para o português.

É difícil encontrar beleza em Luanda. Há para qualquer pessoa comum uma impregnação visual de aridez e dureza que possivelmente contamina a saúde mental das pessoas.

As manifestações de vida encontram-se no colorido das mulheres que vivem do mercado informal e nas inúmeras crianças e jovens que percorrem as ruas em suas idas e vindas à escola.

Lubango já mostra uma realidade diferente. É uma cidade urbano/rural, com muito verde e flores nas ruas e casas. A deterioração da cidade – prédios e ruas, é bem menor. O trânsito é mais tranquilo, como tudo o mais. As ruas são mais largas e há vários cruzamentos.

Próximo a cidade há vários pontos turísticos com belezas naturais, como a cachoeira de Huíla e Matala, freqüentados pelos moradores.

Pessoas de diferentes etnias, com seus hábitos e costumes percorrem suas ruas. O convívio com essa diversidade da cultura angolana, pareceu-nos melhor. Há também um número menor de estrangeiros morando em Lubango.

Isso possivelmente interfere na saúde mental de seus habitantes. As pessoas contatadas durante a visita, apesar de todos os problemas que enfrentam, mostram-se mais otimistas e sorridentes.

Notas:

¹ Há um esforço de generalização, já que só conhecemos 02 províncias.

² A Oldebrech emprega 9 angolanos em 10 funcionários. Além dos quadros brasileiros de formação técnica/graduados, esta empresa precisa levar para Angola, operários especializados. Muitos de seus equipamentos, como tratores, por exemplo, já estão automatizados.

³ Esta designação é ocidental. Eles não se vêem assim. Não há uma identidade coletiva de deslocados, apesar de terem problemas comuns. Os deslocamentos de diferentes tribos/etnias é próprio desta cultura.

⁴ Gasosa é como chamam os refrigerantes em lata.

⁵ Das organizações visitadas que trabalham neste aspecto, temos a ADRA, ASD e ARSCAA.